

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO
CURSO DE LETRAS-JAPONÊS

DÉBORA NATSUE AZEVEDO NAKAMURA

O FENÔMENO DE CASSÉGUI NO JAPÃO E NO BRASIL: QUESTÕES DE
ADAPTAÇÃO SOCIOCULTURAL E IDENTIDADE

-- UM ESTUDO DE CASO --

BRASÍLIA

2014

DÉBORA NATSUE AZEVEDO NAKAMURA

O FENÔMENO DE CASSÉGUI NO JAPÃO E NO BRASIL: QUESTÕES DE
ADAPTAÇÃO SOCIOCULTURAL E IDENTIDADE

-- UM ESTUDO DE CASO --

Monografia apresentada ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução do Instituto de Letras da Universidade de Brasília para a obtenção do grau de Licenciada em Língua e Literatura Japonesa do curso de Letras Japonês.

Orientador: Prof. Dr. Ronan Alves Pereira

BRASÍLIA

2014

DÉBORA NATSUE AZEVEDO NAKAMURA

O FENÔMENO DE CASSÉGUI NO JAPÃO E NO BRASIL: QUESTÕES DE
ADAPTAÇÃO SOCIOCULTURAL E IDENTIDADE

UM ESTUDO DE CASO

Monografia apresentada ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução do Instituto de Letras da Universidade de Brasília para a obtenção do grau de Licenciada em Língua e Literatura Japonesa do curso de Letras Japonês.

Aprovada em ____ de _____ de 2014.

BANCA EXAMINADORA

PRESIDENTE (ORIENTADOR): PROF. DR. RONAN ALVES PEREIRA –
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)

MEMBRO: PROF. DR. YŪKI MUKAI - UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)

MEMBRO: PROF^a. MARLEY FRANCISCA DE LIMA – UNIVERSIDADE DE
BRASÍLIA (UNB)

BRASÍLIA

2014

AGRADECIMENTOS

A Deus o meu porto seguro e sem O qual eu não seria nada.

Com muito carinho ao meu esposo Diogo que esteve comigo me apoiando e me dando força nos momentos difíceis e não me deixou desistir dessa caminhada.

Especialmente, a minha irmã Bárbara por ter estado sempre ao meu lado e por todas as lições que me ensinou e sem a qual não teria alcançado mais esta conquista.

Ao meu orientador Ronan Alves, por todo o apoio, paciência e suporte oferecidos para que este trabalho pudesse ser realizado da melhor maneira possível.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muitíssimo obrigado.

RESUMO

Esta monografia analisa como os descendentes de japoneses que foram morar e trabalhar no Japão - os chamados decasséguis (*dekasegi*)– definem suas respectivas identidades. Busca-se entender como a experiência de ter ido trabalhar na terra de seus antepassados pode ter contribuído para esse processo identitário. Embora o foco deste trabalho esteja nos migrantes que retornaram ao Brasil no contexto do fenômeno decasségui, também será levada em conta a centenária história da imigração japonesa no Brasil, que se iniciou em 1908, quando japoneses vieram para trabalhar nas lavouras de café do estado de São Paulo.

Palavras-chave: Decasségui. Identidade. Imigração japonesa. Japão. Brasil.

ABSTRACT

This monograph examines how the Brazilian descendants of Japanese who were living and working in Japan – the so-called dekasegi - define their respective identities. It seeks to understand how the experience of having gone to work in the land of their ancestors may have contributed to their identity process. Although the focus of this work is on migrants who have returned to Brazil in the context of the dekasegi phenomenon, it will also be taken into account the centennial history of Japanese migration into Brazil, which began in 1908, when Japanese came to work in the coffee plantations in the state of São Paulo.

Keywords: Dekasegi. Identity. Japanese migration. Japan. Brazil.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 2 - METODOLOGIA	11
CAPÍTULO 3 - MIGRAÇÃO	17
3.1 - Imigração japonesa no Brasil	17
3.2 - Emigração de nipo-brasileiros para o Japão - Fenômeno Decasségui	21
CAPÍTULO 4 - QUESTÕES DE ADAPTAÇÃO	26
4.1 - Adaptação no Japão	26
4.2 - Adaptação na volta ao Brasil	29
CAPÍTULO 5 - IDENTIDADE	32
Identidade no Brasil e Identidade no Japão	32
CAPÍTULO 6 - LAR DO MIGRANTE - <i>HOMELAND</i>	44
CAPÍTULO 7 - CONCLUSÃO	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48
APÊNDICES	51
Apêndice A: Termo de Consentimento	51
Apêndice B: Questionário	52

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

Os japoneses vieram para o Brasil em 1908 em busca de oportunidades, trabalharam em lavouras de café e também introduziram em terras brasileiras o cultivo de outros produtos, como chá e arroz, formaram suas colônias e, aos poucos, se integraram e se desenvolveram no país “estranho”. Esses imigrantes tinham o intuito de regressar à sua terra natal, entretanto, após a guerra muitos decidiram se estabelecer de vez no Brasil e continuaram então formando famílias e conseqüentemente houve a miscigenação entre grupos étnicos distintos.

Com a crise econômica no Brasil na década de 1980 iniciou-se o processo inverso: imigrantes japoneses e nikkeis migraram para o Japão não só em busca de empregos e bons salários, mas também como uma oportunidade de conhecer a terra de seus ancestrais e suas raízes de maneira que fossem capazes de melhor definir sua identidade.

“O chamado Fenômeno *Decasségui* refere-se aos descendentes de japoneses que se dirigem ao Japão, a partir dos meados da década de 80, para trabalhar temporariamente como mão-de-obra barata e não qualificada.” (SASAKI, 1998, p. 9) Esses trabalhadores foram ao Japão com a imagem que seus pais ou avós transmitiram para eles da época em que eles migraram para o Brasil. No entanto o Japão estava muito diferente e muito mais desenvolvido. (SASAKI, 1999).

A palavra japonesa *decasségui* significa trabalhar fora de casa. No Japão, referia-se aos trabalhadores que saíam temporariamente de suas regiões de origem e iam em direção a outras mais desenvolvidas, sobretudo aqueles provenientes do norte e nordeste do Japão, durante o rigoroso inverno que interrompia suas produções agrícolas no campo. Este mesmo termo é, então, utilizado aqui aos descendentes de japoneses ou nikkeis – refere-se a todos os descendentes de japoneses nascidos fora do Japão, não se restringindo apenas aos brasileiros – que vão trabalhar no Japão, a princípio temporariamente, em busca de melhores ganhos salariais, executando trabalhos de baixa qualificação [...]. (SASAKI, 1998, p.1)

O tema desta monografia é o fenômeno decasségui no Japão e no Brasil. O foco nas questões de adaptação sociocultural e identidade é importante para se entender melhor a imigração japonesa no Brasil, o fenômeno decasségui e o processo de formação da identidade dos nipo-brasileiros. Este tema também foi escolhido com o intuito de analisar e compreender a questão de adaptação de nipo-brasileiros no Brasil e no Japão e como as experiências vivenciadas nos dois países contribuíram para a definição de suas identidades, sendo esse assunto de grande relevância já que o Brasil possui a maior “colônia” de japoneses e nipo-descendentes depois do próprio Japão. Procura-se responder as seguintes questões:

- Como se deu a experiência de decasséguis desses descendentes no Japão?
- Como se deu o processo de adaptação desses descendentes na sociedade japonesa? E, por outro lado, como se deu o processo de readaptação ao Brasil, no caso daqueles que retornaram? Quais foram suas principais dificuldades?
- O fato desses migrantes que foram ao Japão e retornaram ao Brasil, serem descendentes de japoneses auxilia positivamente no processo de adaptação e de definição de identidade? Até que ponto a miscigenação é um fator positivo nesses processos?

Objetivo geral:

Analisar como ocorre o processo de definição de identidade cultural dos informantes - descendentes de japoneses que foram trabalhar no Japão e voltaram ao Brasil.

Os objetivos específicos desta monografia são:

- Analisar e identificar quais as dificuldades enfrentadas no processo de adaptação quando se vai do Brasil para o Japão e de readaptação quando se retorna ao Brasil.
- Analisar como esses decasséguis se identificam dentro da cultura na qual estão inseridos, seja como brasileiros, japoneses ou pessoas com dupla nacionalidade. Dependendo da identidade, saber qual dos dois países eles consideram como seu *homeland* (“lar” do migrante).

A monografia está dividida em sete capítulos dos quais quatro (capítulos 3, 4, 5 e 6) abordam respectivamente a questão da migração, questões de adaptação no Brasil e no Japão e a questão identitária e “*homeland*” - lar do migrante . O tipo de pesquisa que será adotada para a realização do trabalho foi a pesquisa exploratória. O procedimento técnico foi o estudo de caso.

Também é importante frisar que a identidade que será analisada neste trabalho é a identidade cultural que segundo Hall (2006, p.8) são aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais. Sendo, que dentre os diversos conceitos de identidade discutidos no Capítulo 3, este foi o que melhor correspondeu ao objetivo deste trabalho, pois não se pretende aqui analisar a identidade de gênero, classe social ou opção sexual, etc., mas sim a identidade dos informantes segundo a definição que eles têm de si mesmos enquanto brasileiros, japoneses ou ainda uma mistura ou alternância entre essas identidades.

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA

Para a coleta de dados foi aplicado um questionário do tipo aberto, contendo 21 questões que foi encaminhado via e-mail para pessoas que se enquadrem no perfil da pesquisa (residir no Brasil, ser descendente de japoneses e ter ido ao Japão e voltado ao Brasil) e que aceitem participar da pesquisa. A coleta de dados foi feita somente através da aplicação do questionário devido à dificuldade em encontrar participantes que se propusessem a dar depoimentos de suas experiências através de outros meios. Através do modelo de questionário aberto buscou-se diminuir ao máximo a falta de riqueza de informações que poderiam ser obtidas em conjunto com outros métodos de coleta de dados.

Os informantes da pesquisa foram no total cinco pessoas, descendentes de japoneses, todos da segunda geração (nisseis) que foram trabalhar no Japão durante a década de 1990 e retornaram ao Brasil entre 2000 e 2013. E que hoje, no Brasil, desempenham atividades como servidores ou empregados públicos, cabeleireiro ou dona de casa. Os informantes são de ambos os sexos, sendo três mulheres e dois homens.

Os informantes são de faixas etárias bem distintas, variando de 30 a 60 anos. Durante o período que viveram no Japão, desempenharam atividades em empreiteiras, fábricas, empresas de consultoria e de construção civil em áreas urbanas.

A princípio, o critério para a escolha dos informantes era que estes fossem descendentes de japoneses, sendo de segunda geração, tivessem ido trabalhar no Japão a partir de meados da década de 1980 e retornado ao Brasil depois do ano 2000 e que pertencessem à faixa etária entre 30 a 45 anos. Entretanto, devido à dificuldade em encontrar interessados em participar da pesquisa, foi feita a coleta dos dados apenas dos que se interessaram em participar da pesquisa. Abaixo segue uma breve descrição do perfil dos informantes e em seguida um quadro resumido desses dados.

DESCRIÇÃO/PERFIL DOS INFORMANTES

Para a realização da pesquisa contamos com a participação de cinco informantes que são descendentes de japoneses, todos nissei (2ª geração/filhos de japoneses) e que foram trabalhar no Japão e voltaram ao Brasil. Para resguardar o anonimato dos informantes lhes foram atribuídos nomes fictícios.

Informante: “José” Toshiro N.

José tem 44 anos, é nissei (2ª geração), casado com Joana (nome fictício de outra informante da pesquisa), foi ao Japão no ano de 1990 e retornou ao Brasil em 2010. Emigrou sozinho através da empresa JATCO CORP, uma empresa ligada à Nissan. Sua motivação para ir ao Japão foi a crise na economia que o Brasil enfrentou durante o governo de Fernando Collor (1990-1992) e a esperança de uma vida melhor.

No Japão, por não saber escrever em japonês, trabalhou como operário em fábricas automobilísticas, de eletrônicos, fundições, entre outras que envolviam atividades que não exigiam o conhecimento do idioma japonês. Contudo, hoje José relata já conseguir comunicar-se razoavelmente bem em japonês. As principais dificuldades enfrentadas por ele quando esteve no Japão foram as diferenças de costumes e a sensação de “frieza” por parte dos japoneses, além da dificuldade em se comunicar em japonês que, apesar de já ter aprendido um pouco com seus pais, não era o suficiente para ter uma conversa fluente. Com relação ao trabalho, não enfrentou muitas dificuldades, pois tudo era explicado passo a passo e as atividades eram repetitivas.

Para manter contato com a cultura brasileira no Japão, José preparava churrascos e feijoadas com os amigos. Em 2010, José retornou ao Brasil devido à crise na economia mundial de 2008 e por acreditar que o Brasil estivesse crescendo e oferecendo boas oportunidades, além do desejo de voltar à sua terra natal e reencontrar familiares e amigos. Quanto à volta ao Brasil, José relata que sua principal dificuldade é conseguir um emprego em que ele ganhe bem, de maneira que possa pagar suas contas e ainda fazer uma poupança. Atualmente, ele trabalha como auxiliar em um salão de beleza.

José relata que sua ascendência influenciou positivamente na forma como era tratado no Japão, pois acredita que lhe davam maior confiança. Para José, a sua pátria é o Brasil, mesmo nutrido grande respeito e gratidão pelo Japão, devido às oportunidades e respeito que recebeu enquanto esteve lá. José afirma ser brasileiro por ter nascido e crescido no Brasil, entretanto, diz se identificar mais com o comportamento japonês pelo fato de ter sido criado por pais japoneses (issei, 1ª geração), permanecendo assim, o “modo japonês de ser” mais acentuado. Contudo, afirma que, com o passar das gerações, a influência brasileira vai ficando maior e até mesmo predominante.

Para José a experiência mais relevante em ter ido ao Japão foi a de viver em um país de Primeiro Mundo e poder observar o que eles (os japoneses) pensam sobre o Brasil e ele mesmo poder “ver o Brasil pelo lado de fora”.

Informante: “João” Takashi N.

João tem 46 anos é nissei (2ª geração), foi para o Japão em 1991 e retornou ao Brasil em 2011. Foi ao Japão sozinho em uma viagem financiada pelo seu pai, motivado pela má situação econômica da família. Atualmente, considera seu nível de conhecimento do idioma japonês intermediário, tendo sido aprovado no nível dois do exame de proficiência em língua japonesa. Porém, quando foi ao Japão, não tinha tanto conhecimento e o que sabia foi fundamental para o seu desenvolvimento de aprendizagem e da comunicação na língua japonesa. No Japão, trabalhou por 11 anos em uma empresa de consultoria e de obras relacionadas a construções civis, e também desempenhou outras atividades em fábricas.

Dentre as diversas dificuldades que enfrentou, João afirma que a principal delas foi a de comunicação. Para manter contato com a cultura brasileira ouvia música popular brasileira (MPB) ou preparava churrasco com amigos. João acredita que ser descendente de japoneses influenciou de maneira muito satisfatória quando foi ao Japão, pois pôde contar com a ajuda de amigos e familiares que já moravam no Japão. Relata que, em raríssimas situações, também sofreu preconceito enquanto esteve no Japão.

Quando retornou ao Brasil, as principais dificuldades foram relacionadas ao desemprego e à necessidade de adaptação às condições de vida que o Brasil oferece, enquanto estava acostumado às condições de vida do Japão, onde geralmente as coisas fluem muito bem e suas necessidades eram satisfeitas.

Atualmente, João é servidor público e exerce o cargo de escriturário em uma Prefeitura Municipal. Ele considera o Brasil como sua pátria pelo fato de ter nascido e ter sido criado por seus pais aqui e porque foi no Brasil “que todos os seus valores intrínsecos e sua personalidade, em todos os aspectos, foram criados e desenvolvidos”. No entanto, João deseja que o Brasil ofereça melhores condições de vida para todos. Ele também se identifica mais como japonês, mas também não abandona a sua porção brasileira. Para ele, a experiência mais relevante enquanto esteve no Japão foi perceber que o modo como os japoneses se comportam foi um dos grandes motivos para o Japão se tornar a potência econômica que é.

Informante: “Joana” R. Hoshi

Joana tem 39 anos, é nissei (2ª geração) casada com José (nome fictício de outro informante da pesquisa), foi ao Japão no ano 2000 e retornou ao Brasil em 2010. Foi com a família através de empreiteiras, motivada pela dificuldade em conseguir emprego e pela vontade de conhecer o país. Lá, trabalhou como operária em fábricas, desempenhando atividades que não exigiam conhecimento de escrita ou de leitura em japonês. Entretanto, Joana relata que, quanto ao conhecimento do idioma japonês, ela consegue se comunicar razoavelmente bem e sabe escrever em *hiragana* e *katakana* (sistemas fonográficos de escrita japonesa). Embora ela tivesse algum conhecimento da língua japonesa quando viajou, não foi o suficiente para conseguir se comunicar com os japoneses. Para ela, a principal dificuldade que enfrentou no Japão foi a de comunicação.

Para manter contato com a cultura brasileira, Joana assistia a programas brasileiros na TV e frequentava lojas que vendiam produtos e comidas típicas do Brasil, além de fazer churrascos com os amigos.

Em 2010, Joana retornou ao Brasil devido às consequências da crise de 2008 que diminuíram os salários e os empregos no Japão, além da vontade de reencontrar amigos e familiares e de que os filhos estudassem no Brasil. Ao chegar ao Brasil, sua principal dificuldade de adaptação foi conseguir emprego, pois as atividades que desempenhou no Japão não são úteis para o currículo profissional aqui no Brasil. Atualmente, Joana é dona de casa.

Joana acredita que sua ascendência japonesa influenciou positivamente quando chegou ao Japão, pois acredita que transmitia credibilidade e confiança aos japoneses. Ela considera o Brasil como sua pátria pelo fato de ter sido criada e por sua família morar aqui. Entretanto, relata sentir o mesmo que seu marido quanto à sua identidade e diz se identificar mais com o comportamento japonês pelo fato de ter sido criada por pais japoneses (issei, 1ª geração), permanecendo assim, o “modo japonês de ser” mais acentuado. Contudo, afirma que, com o passar das gerações, a influência brasileira vai ficando maior e até mesmo predominante.

Para ela a experiência mais relevante em ter ido ao Japão foi poder conhecer um país com uma cultura tão diferente da do Brasil, e que possui pontos positivos em todos os aspectos, como melhor atenção à saúde, segurança, economia, entre outros.

Informante: “Maria” R. V.

Maria tem 30 anos, é nissei (2ª geração), foi ao Japão em 1999 e retornou ao Brasil em 2005; foi sozinha através de empreiteira, motivada por problemas familiares e dificuldades financeiras. Lá, trabalhou como operária em diversas fábricas.

Quando chegou ao Japão, não tinha nenhum conhecimento do idioma japonês, o que ela relata ter sido um fator negativo para o desenvolvimento de suas interações sociais, já que as pessoas só falavam com ela em japonês e ela não conseguia entender; então, ficava calada. Para ela, essa foi uma das principais dificuldades de adaptação que enfrentou no Japão, além da falta de amigos e familiares. Contudo, com o tempo, Maria foi aprendendo o idioma, o que a auxiliou não só na comunicação com outras pessoas, mas também a não depender de tradutor para fazer coisas simples, como pagar contas ou fazer compras.

Para manter contato com a cultura brasileira no Japão Maria frequentava discotecas destinadas ao público brasileiro. Retornou ao Brasil em 2005 para voltar a estudar e por saudade dos familiares. Ao chegar ao Brasil, sua principal dificuldade de adaptação foi a financeira, pois não tinha qualificação para conseguir emprego. Atualmente, Maria é empregada pública e desempenha atividade de gerência no órgão em que trabalha.

Maria relata que sua ascendência japonesa não influenciou positivamente, pois, apesar de ser nissei, era considerada brasileira pelos japoneses. Maria considera o Brasil como sua pátria pelo fato de aqui ter conquistado tudo o que tem, apesar de sentir que os brasileiros a considerem como japonesa. Entretanto, ela diz não se identificar nem como brasileira e nem como japonesa, por se sentir uma estrangeira nos dois países.

Para ela, a experiência mais relevante em ter ido ao Japão foi ter aprendido que, “independente do país, sempre haverá preconceito e dificuldades e que o conhecimento é o melhor meio de driblar essas barreiras e quanto às relações sociais, elas precisam ser baseadas pelo que você é e não pelo que você tem.”

Informante: “Ana” Sumiko M.

Ana tem 60 anos, é nissei (2ª geração), foi ao Japão em 1992 e retornou ao Brasil em 2013. Foi com a filha através de empreiteira, motivada pelo desejo de conhecer a terra natal de seus pais e por necessidades financeiras. No Japão, tinha uma empreiteira que auxiliava os brasileiros com serviços de assistência e traduções que foi onde trabalhou.

Ana relata ter um bom conhecimento do idioma japonês, o que tornou o seu processo de adaptação mais fácil e a ajudou a entender melhor a cultura e o povo japonês. Quando chegou ao Japão, relata não ter tido muita dificuldade em se adaptar, pois sua família era muito tradicional e ela conhecia um pouco da cultura japonesa.

Para manter contato com a cultura brasileira no Japão, Ana participava de eventos brasileiros ou frequentava lojas que vendiam produtos brasileiros. Retornou ao Brasil em 2013, devido ao falecimento do esposo e à volta da família ao Brasil quatro anos antes. Ao chegar ao Brasil, sua principal dificuldade de adaptação foi quanto aos altos níveis de violência e marginalismo e do alto custo de vida, além das dificuldades em se relacionar com os brasileiros devido à divergências de pensamento e comportamentos. Atualmente, Ana está desempregada.

Ana relata que, mesmo tendo ascendência japonesa e tendo domínio da língua japonesa, no Japão era considerada *gaijin* (estrangeira). Entretanto, não enfrentou problemas quanto a isso, pois foi muito bem tratada. Ana considera o Japão como sua pátria, devido à assistência à saúde dispensada aos idosos nesse país e ao respeito que os japoneses demonstram a todos serem inigualáveis. Além disso, ela se considera como japonesa, devido à sua educação ter sido mais parecida com os moldes japoneses e por ter se adaptado aos costumes, cultura e pensamento dos japoneses.

Para a informante, a experiência mais relevante em ter ido ao Japão foi conhecer e aprender a apreciar, a gostar e admirar a cultura japonesa e o povo japonês com seus costumes, leis e tecnologia, que ela afirma serem todos admiráveis. O Japão tem muito mais coisas boas do que ruins, mas ela só percebeu isso quando retornou ao Brasil.

Nome fictício	Idade	Sexo	Período no Japão	Emprego no Japão	Emprego no Brasil	Ascendência	Identificou-se como:
José	44	M	1990-2010	Operário	Cabeleireiro	2ª geração	Japonês
João	46	M	1991-2011	Consultor/ Operário	Servidor público	2ª geração	Japonês
Joana	39	F	2000-2010	Operária	Dona de casa	2ª geração	Japonês
Maria	30	F	1999-2005	Operária	Empregada pública	2ª geração	Nenhum
Ana	60	F	1992-2013	Assistência e traduções	Desempregada	2ª geração	Japonês

CAPÍTULO 3

MIGRAÇÃO

3.1 - IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL

Há registros de japoneses no Brasil antes de 1908, porém a imigração de japoneses no Brasil só se iniciou oficialmente em 18 de junho de 1908, quando o navio *Kasato Maru* atracou no porto de Santos (SP) com o primeiro grupo de imigrantes japoneses contratados para trabalhar no Brasil. O grupo era formado por 165 famílias com 733 membros e mais 48 avulsos e 12 viajantes livres (SHINDO, 1999, p. 9 *apud* HAYASHI et alii, 2008, p. 22). Na época, a economia do Brasil estava aquecida e voltada para agricultura, tendo como principal produção o café. Com a abolição da escravidão, o Brasil precisava de mão-de-obra, enquanto que o Japão precisava escoar o excedente populacional e resolver seus problemas internos decorrentes da reforma política do governo Meiji (1868-1912), que deslanchou um ambicioso projeto modernizante do Japão.

No Japão a restauração Meiji, abolindo a classe samurai, o regime de sucessão familiar, a superpopulação no meio rural, a instrução obrigatória a cargo dos municípios, vilas e aldeias, o recrutamento de jovens para o serviço militar foram, entre outras, as causas do êxodo rural, provocando o inchaço urbano com contingentes de pessoas desempregadas. A alternativa em curto prazo foi estimular a emigração. Surgem assim, ao lado das companhias oficiais, inúmeras empresas fomentadoras de emigração. (HARADA *et alii*, 2009, p. 12-13)

Com a abolição da escravidão e a proibição da Itália da vinda de italianos para o Brasil para trabalhar nas lavouras de café, devido às más condições de trabalho, os produtores de café ficaram praticamente sem mão-de-obra e passaram a pressionar o governo na busca de uma solução para o problema. Desta forma, o governo brasileiro, que havia praticamente proibido a entrada de asiáticos no país através do decreto nº 528 de 28 de junho de 1890, teve de aprovar nova lei permitindo a entrada de imigrantes japoneses e chineses no Brasil. O Decreto nº 528 permitia o ingresso no país de todas as pessoas capacitadas para o trabalho, mas restringia a entrada de pessoas de origem africana e asiática (*Idem*, p. 14). Em 1907, o governo brasileiro publica a Lei da

Imigração e Colonização, permitindo que cada Estado definisse a forma mais conveniente de receber e instalar os imigrantes.

Apesar da permissão da entrada de imigrantes asiáticos no país, era forte o preconceito que havia contra essas etnias, já que as elites do Brasil estavam interessadas não somente na força de trabalho, mas também no “branqueamento” da população. Assim, havia preferência por imigrantes europeus, como italianos, espanhóis, alemães e portugueses, e certa aversão aos asiáticos por suas características físicas e diferenças culturais. Contudo, permanecendo a necessidade de mão de obra, os japoneses surgiram como uma boa solução.

Do outro lado do mundo, o Japão precisava escoar o excedente populacional e buscar uma solução para as altas taxas de desemprego no país. O governo japonês já havia iniciado o processo de emigração em 1885, quando incentivou a ida de trabalhadores ao Havaí e percebeu que trazia benefícios econômicos tanto para o governo como para os próprios trabalhadores. Entretanto, em 1908 com o estabelecimento do *Gentlemen's Agreement* entre Japão e Estados Unidos ficava impedida a emigração para os EUA e conseqüentemente para o Havaí, que já se encontrava sob a jurisdição americana. (HAYASHI *et alii*, 2008, p. 18)

Com a celebração do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre Brasil e Japão em 5 de novembro de 1895, o Brasil apresentou-se como uma terra de oportunidades onde os japoneses poderiam se fortalecer economicamente e depois voltar para a sua terra natal.

O Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre Brasil e Japão foi assinado em 1895, em Paris, pelos representantes diplomáticos dos dois países, ficando implícito que o objetivo maior era a chamada de braços para as regiões de agricultura no Brasil. [...] A inassimilação dos japoneses e sua aspiração imperialista eram tidas então como argumentos contra a chamada de braços nipônicos. Em contrapartida, entre os empresários japoneses havia o temor de um alto investimento em terras cujas impressões não tinham sido tão favoráveis nas primeiras visitas. Contudo, o contexto mundial e a situação interna dos dois países facilitariam a chegada a um termo. (KODAMA; SAKURAI, 2008, p.18)

Em 1905, através de consultas bilaterais, Ryu Mizuno (considerado “pai da imigração japonesa no Brasil”) conseguiu que se firmasse um contrato de imigração

japonesa para o Brasil em 18 de outubro de 1907. Em 27 de abril de 1908, o navio *Kasato Maru* parte do porto de Kobe, trazendo a primeira leva de imigrantes japoneses contratados para o Brasil. (*Idem*, 2008, p. 19 e 22)

Os imigrantes vieram com o intuito de trabalhar nas lavouras de café e juntar dinheiro para voltar e construir uma vida melhor no Japão. Contudo, o início do processo de imigração de japoneses foi um processo árduo e muito difícil, a começar pela longa viagem de navio que em condições normais durava cerca de dois meses. Os primeiros imigrantes que chegaram ao Brasil no navio *Kasato Maru* tiveram de se adaptar a um país com cultura, religiões, clima, dieta alimentar e organização social completamente diferentes de sua terra natal. Além disso, tiveram de lidar também com o forte preconceito existente na época contra asiáticos.

Durante os primeiros cinco anos de imigração, oito navios aportaram na cidade de Santos. Segue abaixo uma tabela com o número de imigrantes e os nomes desses oito navios.

QUADRO 1 – Navios que aportaram na cidade de Santos -SP

Ano em que chegou ao Brasil	Nome do Navio	Imigrantes Trazidos
1908	Kasato Maru	780
1910	Ryojun Maru	960
1912	Itsukushima Maru	1432
1912	Kanagawa Maru	1412
1913	Daí-no-unkai Maru	1506
1913	Wakasa Maru	1588
1913	Teikoku Maru	1946
1913	Wakasa Maru	1808

Fonte: ABD – Associação Brasileira de Dekasseguis *apud* BELTRÃO; SUGAHARA (2006).

Conforme Ennes (2001) pode-se dividir a história da presença japonesa no Brasil em três momentos. O primeiro momento é visto como temporário de curta duração, pois o objetivo era acumular capital e logo retornar ao Japão. O segundo entendido como temporário de longa duração, pois esses imigrantes enfrentaram diversos problemas com relação à alimentação,

moradia, entre outras dificuldades, assim precisariam de tempo maior para arrecadar esse capital. O último momento compreende o período de fixação permanente, como consequência do resultado da II Guerra Mundial. (FERREIRA, 2003)

Os imigrantes japoneses eram levados para as lavouras de café onde trabalhavam com a colheita do café que consistia em atividades como a derraça (quando os frutos são arrancados dos galhos), peneiração e ensacamento. Houve muita dificuldade em aprender essas atividades já que a maioria dos imigrantes não estava acostumada com o trabalho braçal e não entendia os comandos em português. (HAYASHI *et alii*, 2008, p. 28)

Os primeiros imigrantes perceberam que não poderiam formar uma boa poupança trabalhando para os produtores de café e com o auxílio do governo japonês conseguiram arrendar pequenas áreas de terras para cultivo próprio. Com isso, os imigrantes puderam não só cultivar o café, mas também outros produtos como chá, arroz, algodão, batata, tomate, entre outros. Assim, aos poucos os imigrantes foram se adaptando e, principalmente, se desenvolvendo economicamente. (*Idem*, 2008)

Com a adaptação e desenvolvimento que iam conquistando os imigrantes formavam associações de apoio, escolas para que seus filhos continuassem a aprender o idioma japonês e aumentavam e fortaleciam suas colônias, buscando sempre preservar a cultura e os costumes de sua terra natal e transmiti-los aos filhos.

Entretanto, apesar de conseguirem se desenvolver e se adaptar ao novo país, os imigrantes foram prejudicados com políticas nacionalistas do governo brasileiro, que restringiam não só a sua liberdade, mas também seu esforço em manter sua cultura viva dentro da sociedade. O governo de Getúlio Vargas proibiu o ensino e o uso do idioma japonês para menores de 14 anos e, com o advento da II Guerra Mundial, o ensino da língua japonesa foi terminantemente proibido em todo o Brasil. (*Idem*, 2008, p. 34)

Durante e depois da II Guerra Mundial, os imigrantes sofreram muitas restrições, mas, apesar de todas as dificuldades, conseguiram conquistar o seu espaço e consolidar suas raízes no país que agora também é deles e continuam até hoje contribuindo e se desenvolvendo no Brasil, não mais como imigrantes, mas como brasileiros.

Passados mais de 100 anos da imigração japonesa, é possível perceber que a população de japoneses e seus descendentes (nikkei) está presente em todas as regiões

do país, mas a concentração de nikkeis se dá principalmente nos estados do São Paulo, Paraná e Mato Grosso do Sul.

Segundo pesquisa realizada pelo IBGE, a população de origem japonesa no Brasil, em julho de 1988, era de 1.280.000 (\pm 3.000 famílias) pessoas, e baseando-se na taxa média geométrica de crescimento anual divulgada pelo IBGE, estima-se que, em 2010, a população total de japoneses e descendentes no Brasil tenha atingido a cifra de 1.600.000 pessoas aproximadamente. (CENB - www.cenb.org.br)

3.2 - EMIGRAÇÃO DE NIPO-BRASILEIROS PARA O JAPÃO – FENÔMENO DECASSÉGUI

Quanto ao processo de emigração de brasileiros para o Japão, iniciou-se efetivamente durante a década de 1980, período em que se inverteu a situação da economia dos dois países envolvidos no processo. Enquanto o Brasil passava por uma crise com altas taxas de inflação e desemprego, a economia do Japão apresentava acelerado crescimento econômico, com as empresas e fábricas com grande demanda por mão-de-obra, já que os japoneses não queriam trabalhar nas condições que lhes eram oferecidas. Assim, os descendentes de japoneses (nipo-brasileiros) viram a ida ao Japão como uma oportunidade de ganhar dinheiro e melhorar suas condições de vida no Brasil.

Este movimento começou no final da década de 80 e, oficialmente, teve início em junho de 1990, com a mudança na legislação de imigração japonesa, que concedeu aos descendentes de japoneses visto temporário de longa estadia (o que permite a atividade econômica no país). Constitui parte de um movimento migratório que se intensificou a partir dos anos 80, com a crise econômica, e inclui outros destinos além do Japão – Estados Unidos (750 mil pessoas), Paraguai (350 mil) e Europa e outras regiões em geral (705 mil)² –, rompendo a tendência histórica de um país que sempre foi um grande receptor de imigrantes de diferentes países. (BELTRÃO; SUGAHARA, 2006, p.62)

Com a expansão das indústrias no Japão, aumentou a necessidade de mão-de-obra, principalmente onde era exigido o trabalho braçal/operacional, já que os japoneses não se interessavam por este tipo de trabalho, devido às condições de carreira, ascensão profissional e remuneração que lhes eram oferecidas. Além disso, esse tipo de trabalho

era rejeitado pelos japoneses, que o caracterizava como “3K” --*Kitanai* (sujo), *Kiken* (perigoso) e *Kitsui* (penoso)--, a que os próprios decasséguis adicionavam outro “k” para *kirai* (odioso). (SASAKI, 1999, p. 243)

No final da década de 1980, o governo japonês estava preocupado com a crescente entrada de imigrantes ilegais no país. Embora os números oficiais não sejam exatos, estimou-se em cerca de 280 a 300 mil ilegais no Japão (CORNELIUS *apud* SASAKI, 1999, p. 250) sendo a maioria proveniente dos países asiáticos como Coreia do Sul, China, Bangladesh, Filipinas, Paquistão e Tailândia (MORITA; SASSEN *apud* SASAKI, 1999, p. 252). Com isso, em 1990 na Reforma da Lei de Controle da Imigração foram estabelecidas medidas que impedissem a entrada e imigrantes ilegais no país e aplicação de punições mais severas àqueles que infringissem a lei. Contudo, continuava o problema de falta de mão-de-obra.

O governo japonês preocupava-se não só com a falta de mão-de-obra, mas também com a manutenção da homogeneidade do povo japonês e viram nos descendentes japoneses, principalmente os provenientes da América do Sul, como os brasileiros e peruanos, uma resolução para ambas as questões. Acreditava que, por possuírem ancestralidade japonesa, não prejudicariam a mítica homogeneidade étnica do país (CORNELIUS *apud* SASAKI, 1999, p.253). Com a preferência por descendentes, o número de migrantes nikkeis aumentou consideravelmente e, com o Brasil em crise, os nikkeis brasileiros viram a ida ao Japão como uma ótima oportunidade.

Yamanaka também confirma: “Os nikkeis são aceitáveis porque, como parentes de japoneses, eles seriam capazes de assimilar a sociedade japonesa sem considerar a nacionalidade”. (YAMANAKA *apud* SASAKI, 1999, p. 253)

Dessa maneira, os migrantes nipo-brasileiros de até a terceira geração (netos de japoneses) têm um acesso facilitado, dada a sua origem étnica, nacional e sua correspondente consanguinidade, com a possibilidade de exercer atividades remuneradas no Japão sem restrições para renovarem o visto e de virem a ser residentes permanentes. (SASAKI, 1999)

A maioria dos decasséguis chegou ao Japão sem saber falar o idioma e o que iriam encontrar. Inicialmente, devido à crise econômica no Brasil, apesar de a maioria ter ido ao Japão para trabalhar e ganhar dinheiro, muitos descendentes viram a ida ao Japão também como uma oportunidade de conhecer suas raízes étnicas e a terra natal de seus ancestrais.

Apesar de possuírem ascendência nipônica os *nikkeis* (todos os descendentes de japoneses não só os brasileiros) eram tratados como estrangeiros pelos japoneses. E assim como seus ancestrais que migraram para o Brasil sofreram preconceito, os nipo-brasileiros também passaram por experiência semelhante.

O fato de perceber-se como um estrangeiro é devido também às próprias sociedades receptoras, como o Japão, que têm papéis reservados para os estrangeiros dentro da sua estrutura social, conservando uma distância social socialmente prescrita em relação ao estrangeiro: mesmo que o estrangeiro esteja na sociedade, ele não é da sociedade. (SASAKI, 1998, p. 68)

Mesmo conhecendo parte da cultura japonesa através de seus pais e avós esses descendentes enfrentaram dificuldades no processo de adaptação e de definição de identidade. Além disso, devido ao cansaço, às longas jornadas de trabalho e às diferenças culturais e de costumes tornava-se ainda mais difícil a interação entre os decasséguis nipo-brasileiros e os japoneses.

Contudo, o número de decasséguis nipo-brasileiros no Japão continuou a crescer e esses migrantes foram desenvolvendo meios de se adaptar e se desenvolver economicamente na sociedade japonesa. Assim, nipo-brasileiros e familiares continuam a migrar para o Japão em busca de melhores oportunidades, ainda que em menor número.

Entretanto, com a crise econômica mundial de 2008, muitos migrantes tiveram que voltar ao Brasil e se readaptar ao país de origem. Além disso, “O terremoto seguido de tsunami que atingiu o Japão em 2011 e o salto da economia brasileira para a posição de sexta maior do mundo também influenciaram a volta dos imigrantes ao país de origem.” (DIALOGO, 2012)

De acordo com o Departamento de Controle de Imigração do Ministério do Japão, ao número total de brasileiros devem ser somadas 26.000 com dupla nacionalidade¹.

¹ Pesquisa feita pela ABD (Associação Brasileira de Decasséguis) e citada em Sasaki, Ricardo Kyoshi – “Os problemas que envolvem os trabalhadores brasileiros”.

QUADRO 2 - Taxa de crescimento anual de brasileiros no Japão:

Ano	N.º de Brasileiros	Taxa de Crescimento (%)
1985	1.955	
1986	2.135	9.20 %
1987	2.250	5.38 %
1988	4.159	84,80%
1989	14.528	249.31 %
1990	56.429	288.41 %
1991	119.333	111.47 %
1992	147.803	23.85 %
1993	154.650	4.63 %
1994	159.619	3.21 %
1995	176.440	10.53 %
1996	201.795	14.37 %
1997	233.254	15.58 %
1998	222.217	- 4.73 %
1999	224.299	0.93 %
2000	254.394	13.41 %
2001	265.962	4.54 %
2002	268.332	0.89 %
2003	274.700	2.37 %
2004	286.577	4.32 %
2005	302.080	5.41%
2006	312.979	3,60%
2007	316.967	1,27%
2008	312.582	-1,04%
2009	267.456	-14,4%

Fonte: ABD – Associação Brasileira de Dekasseguis *apud* Ministério da Justiça do Japão.

QUADRO 3 - Províncias japonesas com mais brasileiros:

	2000	2001	2002	2003	2004
Aichi	47.561	51.546	54.081	57.336	63.335
Shizuoka	35.959	39.409	41.039	41.489	44.248
Mie	15.358	16.737	17.012	17.898	18.157
Nagano	19.945	17.830	17.537	17.619	17.758
Gifu	14.809	14.925	15.138	15.756	17.596
Gunma	15.325	16.239	15.636	16.449	16.455
Saitama	12.831	14.088	13.794	13.932	14.030
Kanagawa	12.295	13.650	13.768	13.837	13.860
Shiga	10.125	10.182	10.794	10.940	12.128
Ibaraki	10.803	10.974	10.950	10.995	11.259

Fonte: ABD – Associação Brasileira de Dekasseguis *apud* Ministério da Justiça do Japão.

CAPÍTULO 4

QUESTÕES DE ADAPTAÇÃO

4.1 – ADAPTAÇÃO NO JAPÃO

Os decasségus partiram cheios de sonhos e expectativas, mas, ao chegarem ao Japão, notaram que não seria assim tão fácil conquistar seus objetivos e tiveram de enfrentar diversos obstáculos e dificuldades no seu processo de adaptação ao novo país.

Segundo Kawamura (1999, p. 37) a possibilidade de ida ao Japão criou sonhos na maioria dos candidatos ao trabalho, cujo imaginário passou a povoar-se de dinheiro, aparelhos e equipamentos tecnológicos sofisticados, qualidade de vida de Primeiro Mundo – onde poderiam permanecer por pouco tempo e voltar ao Brasil bem-sucedidos – etc. Contudo, o caminho mostrou-se bastante árduo, demorado e até doloroso para muitos.

Uma grande barreira à adaptação no Japão está relacionada à língua e aos costumes. A maior parte dos decasségus, ainda que apresente um fenótipo de nativo japonês e tenha ancestrais japoneses razoavelmente próximos, não se comportam mais como japoneses. Há um distanciamento nas relações com parentes japoneses: a maioria não estabelece contato com os parentes nativos, sendo maior o contato com japoneses não parentes. Por outro lado, alguns fatores, embora estreitamente ligados com o excesso de trabalho, indicam um desinteresse pela cultura japonesa. (BELTRÃO; SUGAHARA, 2006, p.83)

De acordo com uma pesquisa feita pela ABD² (Associação Brasileira de Dekasseguis) sobre esses trabalhadores, as principais dificuldades enfrentadas no Japão pelos entrevistados são: saudade do Brasil, desconhecimento da língua, discriminação e excesso de trabalho, como pode ser visto na tabela abaixo.

²Projeto empreendido pela ABD (Associação Brasileira de Dekasseguis), particularmente a partir dos dados do questionário aplicado a esses migrantes brasileiros no Japão, em janeiro de 2004 (BELTRÃO *et alii*, 2006).

TABELA 1 - Decasséguis brasileiros na amostra Japão, por sexo, segundo dificuldades enfrentadas no Japão (2004)

Dificuldades	Em porcentagem	
	Homens	Mulheres
Língua	43,4	43,6
Adaptação no emprego	1,7	1,9
Creche/escola para o filho	3,3	5,5
Doença/depressão	3,7	10,6
Saudades do Brasil	49,2	49,4
Rebeldia dos filhos	0,8	3,2
Adaptação aos usos, alimentação, costumes e pensamentos japoneses	9,1	10,4
Discriminação	21,3	24,5
Desemprego	1,7	1,4
Relação com autoridades	1,7	0,5
Relação com empregadores	0,0	0,5
Relação com colegas de trabalho japoneses	5,0	5,6
Relação com colegas de trabalho brasileiros	8,7	9,7
Relação com vizinhos	2,1	0,8
Relação com japoneses em geral	4,6	3,0
Excesso de trabalho	12,5	20,6
Aprendizado e manutenção da língua portuguesa com os filhos	4,2	7,8
Legislação local	2,1	3,3

Fonte: ABD – Associação Brasileira de Dekasseguis apud BELTRÃO; SUGAHARA (2006).

Entre as pessoas que responderam ao questionário da nossa pesquisa, foi possível notar certa semelhança com os resultados obtidos pela ABD em seu projeto sobre decasséguis. Dentre os cinco informantes, quatro responderam que a maior dificuldade foi quanto ao desconhecimento da língua que atrapalhava o desenvolvimento das interações sociais e na comunicação.

Foram várias as dificuldades, mas a de comunicação foi, com certeza, a que mais deixará lembranças e que ficará marcada para sempre, porque sem ela, em todos os aspectos tudo se torna mais penoso. (João³, 46 anos, servidor público no Brasil)

Não saber o idioma dificultou muito que eu conseguisse me relacionar com as pessoas, pois elas só falavam comigo em japonês e como eu não entendia ficava calada e não conseguia conversar. Isso dificultava fazer amigos. (Maria, 30 anos, empregada pública no Brasil)

Apesar de saber um pouco do idioma, através de meus pais, não foi o suficiente para me comunicar e entender. (Joana, 39 anos, dona de casa no Brasil)

³Aos informantes foram atribuídos nomes fictícios.

Apesar de ter aprendido um pouco aqui no Brasil com os meus pais, não foi o suficiente para ter uma conversa fluente. Algumas palavras que eram usadas aqui não eram muito bem compreendidas lá. Em suma tive que aprender muito mais e sem saber se comunicar e entender o que nos é dito fica muito difícil. (José, 44 anos, cabeleireiro no Brasil)

Um dos participantes relatou que a saudade do Brasil e da família também afetou negativamente seu processo de adaptação ao Japão.

A segunda vez que fui ao Japão e retornei ao Brasil foi porque sentia muitas saudades do Brasil e da minha família, sentia falta de pessoas que me desse afeto, a solidão era muito grande. (Maria, 30 anos, empregada pública)

Outro participante relatou que a sua maior dificuldade quanto à adaptação deveu-se a diferença de costumes. Analisando as respostas dos participantes da pesquisa foi possível perceber que a maior dificuldade no processo de adaptação foi quanto ao desconhecimento da língua, mas por trás desta alegação estava o fato de não estarem totalmente aptos para interagir socialmente e criar vínculos com os japoneses. Além disso, como adiciona um dos informantes: “pelo fato dos japoneses serem muito reservados e não conversarem longamente cria-se uma sensação de frieza por parte deles”⁴, ou seja, o que parece ser mais importante para esses migrantes não é meramente ter domínio sobre o idioma, mas, principalmente, as interações sociais que esse domínio é capaz de proporcionar.

Estes e tantos outros nikkeis foram ao Japão e alguns ainda continuam indo, em busca da realização de seus sonhos, seja ele o de obter a casa própria, de montar o próprio negócio, de oferecer melhores condições de vida para seus familiares ou maior segurança e estabilidade financeira. Muitas dificuldades são impostas não só durante seu processo de adaptação, mas durante toda a estadia no novo país que possui organização social, costumes e cultura tão diferentes. Contudo, esses migrantes são capazes de se adaptar e se desenvolver na terra natal de seus ancestrais e com muito esforço e determinação, lutam pela conquista de suas metas.

⁴Depoimento dado por Paulo.

4.2 –ADAPTAÇÃO NA VOLTA AO BRASIL

Para muitos decasséguis que foram ao Japão em busca de oportunidades o retorno ao Brasil foi impulsionado pela crise mundial, catástrofes naturais e melhor situação econômica do país de origem. Cerca de 100.000 trabalhadores que viviam no Japão retornaram ao Brasil entre 2008 e 2011 (DIALOGO, 2012)

Um dos informantes relatou que um dos motivos que o impulsionou a voltar ao Brasil foi o tsunami que ocorreu em 2011.

Um dos motivos [pelo qual ele voltou ao Brasil] foi o medo causado pelo Tsunami, ocorrido em março de 2011, em minha companheira, que por alguns meses, ficou chocada, aflita, com a ocorrência do desastre natural. (João, 46 anos, servidor público no Brasil)

Até julho de 2008, havia 310.000 *decasséguis* brasileiros no Japão, de acordo com o Ministério das Relações Exteriores. Depois de três décadas de imigração em alta, esse contingente caiu para 215.134 em setembro de 2011, segundo o consulado do Brasil em Tóquio. (DIALOGO, 2012)

Com a crise mundial, muitos trabalhadores ficaram desempregados. Além disso, as horas extras também diminuíram e se tornou inviável formar uma poupança com o trabalho no Japão. Com isso, muitos decasséguis resolveram voltar ao Brasil e tentar melhores oportunidades na terra natal, já que a crise parecia afetar o país de forma menos brusca comparada ao Japão e ao resto do mundo. A veracidade dessa afirmação pode ser percebida através de respostas dos participantes quando perguntados a respeito de seu retorno ao Brasil.

Retornei devido à crise na economia mundial de 2008 se não me engano e pelo Brasil parecer estar crescendo e oferecendo boas oportunidades. Fora que no Japão apesar de ser bem aceito e respeitado e estar muito bem adaptado, sempre havia aquele sentimento de voltar ao país natal e ficar perto dos familiares. (José, 44 anos, cabeleireiro no Brasil)

Depois da crise de 2008, diminuíram os salários, os empregos. E sempre tive a vontade de um dia retornar ao Brasil, ficar perto dos familiares. (Joana, 39 anos, dona de casa no Brasil)

Ao retornar ao Brasil, os decasségus precisam se readaptar ao país de origem, pois a realidade que encontram está diferente de quando eles partiram em busca de melhores oportunidades. Por um lado, amigos e familiares do Brasil tiveram suas vidas modificadas e os relacionamentos tomaram uma nova configuração. Por outro, o próprio migrante está diferente, pois se adaptou ao estilo de vida e aos benefícios de um país de Primeiro Mundo. Os migrantes --que antes de partir estavam acostumados e adaptados à falta de segurança, desemprego ou empregos com baixa remuneração, violência etc-- se decepcionam com o estilo de vida e as oportunidades do país de origem e percebem que o retorno à terra natal talvez não seja tão fácil.

[..]Quando os decasségus voltam, o Brasil não está exatamente como haviam imaginado enquanto suavam no Japão. É como se tivessem congelado a imagem do Brasil na hora de partir para o Japão e depois a idealizassem e a mitificassem. E chegando aqui, mais uma vez a realidade nem sempre corresponde à expectativa do decasségui. A principal razão para não haver correspondência a essa expectativa parece ser, contudo, a própria vivência da experiência migratória, através da qual o decasségui traz em sua bagagem novos valores, que acabam se contrastando com os valores que até então lhe eram “familiares”. (SASAKI,1998, p. 6-7)

Ao retornar ao Brasil, os decasségus sentem falta das “comodidades” e do estilo de vida que levavam no Japão, tendo de se readaptar ao ambiente de negócios e à cultura brasileira. Ao analisar as respostas, percebe-se que a principal dificuldade dos participantes de readaptação ao Brasil está relacionada à possibilidade de conseguir emprego, e ainda, um emprego que ofereça uma remuneração que possibilite qualidade de vida, pois no Japão, apesar de trabalharem muito, a remuneração permitia um melhor padrão de vida, o pagamento regular de suas contas, a poupança de dinheiro, momentos de lazer sem se preocupar com os gastos, além de um poder de consumo/compra maior.

Eu tenho dificuldade de conseguir um trabalho com boa remuneração onde eu possa pagar minhas contas e ainda poder fazer uma poupança como eu conseguia fazer lá com muita tranquilidade. É claro que sei que eu não me preparei para o meu retorno e não guardei o suficiente nem para comprar uma casa, pois me acomodei lá. (José, 44 anos, cabeleireiro)

Dificuldade maior é conseguir emprego, e a experiência de trabalho que adquirimos no Japão não serve para acrescentar num currículo aqui no Brasil, principalmente aqui em Brasília, não tem fábrica, só tem concurso público. E o outro problema é a idade, quanto mais velho menos chance de trabalho. (Joana, 39 anos, dona de casa)

As dificuldades foram basicamente relacionadas ao desemprego, e ao sentimento pessoal de que deveria me adaptar o mais rápido possível às condições que o Brasil oferece (com muita calma e paciência), e não às que estava acostumado a ter, amplamente satisfeitas quando estava no Japão, onde geralmente as coisas fluem e funcionam muito bem. (João, 46 anos, servidor público)

Essas foram as principais dificuldades de readaptação ao Brasil enfrentadas pelos participantes da pesquisa, como também é a de muitos outros decasséguis que voltam à terra natal.

CAPÍTULO 5

IDENTIDADE

IDENTIDADE NO BRASIL E IDENTIDADE NO JAPÃO

Neste capítulo serão apresentados alguns conceitos de identidade e buscar-se-á analisar como ocorre o processo de construção de identidade cultural, através dos dados fornecidos pelos informantes quanto ao modo como eles definem suas identidades.

Segundo um dicionário de sociologia, a identidade coletiva pode ser definida como:

A aptidão de uma coletividade para reconhecer-se como grupo; qualificação do princípio de coesão assim interiorizado (identidade étnica, identidade local, identidade profissional); recurso que daí decorre para a vida em sociedade e a ação coletiva. Em relação ao exterior do grupo, a construção de uma identidade coletiva implica um movimento de diferenciação, a partir do qual se afirma a autonomia coletiva. Internamente, provoca, pelo contrário, um efeito de fusão que apaga a multiplicidade das pertenças. Passa-se assim de um grupo complexo e fechado sobre si mesmo para um grupo cujas representações tendem a organizar-se à volta de um princípio dominante e inteligível. As identidades coletivas assim entendidas não são oponíveis às solidariedades amplas: tornam-se mesmo vetores de abertura sobre o exterior e de reconhecimento dos grupos entre si. O conceito de identidade está na base das teorias da ação. A integração é, de fato, muito mais necessária aos atores sociais que a consciência dos fins prosseguidos (DICIONÁRIO DE SOCIOLOGIA, s.d., p. 232-233)

De acordo com a Psicologia Social, a identidade social é o que caracteriza cada indivíduo como pessoa e define o comportamento humano influenciado socialmente. Nesse sentido, a identidade social é o conjunto de papéis desempenhados pelo sujeito per si (VANDERLEI; SILVA, 2006). Ou seja, a identidade social se desenvolve e se processa de acordo com as relações e atividades que a pessoa desempenha dentro da sociedade à qual está inserida, sendo influenciada pelas normas e vigências desta.

Para Candau (2011), a identidade pode ser analisada no que se refere ao indivíduo e ao grupo, sendo que, no que se refere ao indivíduo ela pode ser um estado que resulta de uma instância administrativa, como por exemplo o documento de identidade onde constam nome, idade, endereço, entre outros ou pode ser uma representação em que se tem uma ideia de quem se é. Quanto a um grupo, Candau acredita que o termo identidade seria impróprio, já que não há dois indivíduos idênticos entre si, não havendo assim uma recorrência em um momento preciso de observação, entretanto, o termo pode ser adotado em sentido menos restrito, próximo ao de semelhança e se assim for admitido a identidade (cultural ou coletiva) é uma representação.

Candau (2011, p. 27) afirma ainda que:

[...] as identidades não se constroem a partir de um conjunto estável e objetivamente definível de “traços culturais” – vinculações primordiais –, mas são produzidas e se modificam no quadro das relações, reações e interações sociossituacionais – situações, contexto, circunstâncias –, de onde emergem os sentimentos de pertencimento, de “visões de mundo” identitárias ou étnicas. Essa emergência é a consequência de processos dinâmicos de inclusão e exclusão de diferentes atores que colocam em ação estratégias de designação e de atribuição de características identitárias reais ou fictícias, recursos simbólicos mobilizados em detrimento de outros provisória ou definitivamente descartados.

Hall (2006) também afirma que a identidade está profundamente envolvida no processo de representação, e que “as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação*”. (HALL, 2006, p. 48)

Seguindo a linha de que a identidade é uma representação, tanto para a Antropologia quanto para a Psicologia, a identidade é um sistema de representações que permite a construção do "eu", ou seja, que permite que o indivíduo se torne semelhante a si mesmo e diferente dos outros. (VANDERLEI; SILVA, 2006).

No Dicionário de Direitos Humanos é possível encontrar o conceito de identidade cultural como sendo:

Um sistema de representação das relações entre indivíduos e grupos, que envolve o compartilhamento de patrimônios comuns como a língua, a

religião, as artes, o trabalho, os esportes, as festas, entre outros. É um processo dinâmico, de construção continuada, que se alimenta de várias fontes no tempo e no espaço. (OLIVEIRA, s.d.)

Para a análise dos dados foi adotado o conceito de identidade cultural de Stuart Hall (2006, p.8) que a define como “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais”. Será utilizado o conceito de identidade cultural, por não pretender-se neste trabalho a análise das identidades quanto ao gênero, classe social, etc., mas sim quanto ao sentimento de identificação e de pertencimento em relação a uma nação e ao seu conjunto cultural.

Além disso, segundo Hall “na história moderna, as culturas nacionais têm dominado a “modernidade” e as identidades nacionais tendem a se sobrepor a outras fontes, mais particularistas, de identificação cultural”. (*Idem*, p. 67)

Hall (2006, p. 10-13) distingue ainda três concepções de identidade, que são :

- a) a do sujeito do Iluminismo – que seria o indivíduo unificado, totalmente centrado, onde o centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa;
- b) a do sujeito sociológico – que era formado na relação com outras pessoas importantes para ele, que mediavam para o sujeito os valores, sentido e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava; e
- c) a do sujeito pós-moderno – que não seria algo fixo ou definitivo, mas algo que se forma e se transforma continuamente dependendo e relacionando-se ao meio cultural e ao ambiente em que se está inserido. Na pós-modernidade, o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos.

Dessa maneira, foi utilizada a concepção do sujeito pós-moderno que o perfil do sujeito da atualidade e por acreditar-se que a identidade não é algo estático e engessado, mas que pelo contrário, ela se molda, se recria e se reconstrói de acordo com as experiências que o meio ao qual se vive proporciona.

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. (*Idem*, p.38)

E, sendo este trabalho voltado para os nipo-brasileiros que viveram a experiência da migração, o conceito do sujeito pós-moderno de Hall atende muito bem ao que se pretende analisar, já que a experiência de migração torna-se de grande relevância no processo de construção de identidade desses nipo-brasileiros. A experiência de imigrante é um momento em que se depara com inúmeras diferenças.

Para Oliveira (1999):

O movimento de kasségui é o momento de reflexão, sobretudo porque, ao agrupar pessoas fisicamente semelhantes num mesmo local, as obriga a distinguirem-se de acordo com outros parâmetros. É um momento oportuno de questionamento da identidade desses indivíduos, descendentes de imigrantes japoneses, que, por possuírem a aparência física semelhante aos seus antepassados, carregam esse traço como marca de suas identidades. Por participarem de tal situação, em que expressões físicas e culturais são diversas, essas pessoas podem estar inseridas em dois mundos e, ao mesmo tempo, em nenhum. (OLIVEIRA, 1999, p. 301-302)

Conforme foi mostrado nos capítulos anteriores, ao chegarem ao Brasil, os primeiros imigrantes japoneses não tinham a intenção de adotar o país como sua nova pátria, pois, imbuídos de forte sentimento nacionalista, viam a vinda ao Brasil como forma de ganhar dinheiro e voltar para o seu país e construir uma vida melhor. E, apesar de estar tão distantes de sua terra natal, continuavam mantendo seus costumes e sua cultura, afirmando-se como japoneses. Mas, a derrota na II Guerra Mundial, fez com que os japoneses repensassem e acabassem adotando o Brasil como sua pátria.

Entretanto, mesmo adotando o Brasil como seu país, os japoneses continuaram conservando algumas características culturais do Japão e repassando-as aos seus filhos, perpetuando assim certas singularidades de seu povo, mesmo estando inseridos em uma sociedade tão diferente.

Em decorrência do processo migratório e imbuídos dessa perspectiva, os japoneses formaram um “novo grupo étnico” com valores culturais, práticas sociais e instituições que apresentam diferenças em relação ao Japão. Dessa forma, o conceito nipo-brasileiro não significaria um japonês que vive no Japão, mas esse novo grupo étnico formado com características próprias e no contato com o restante da sociedade brasileira. (FERREIRA *apud* SOARES; MOTTA, 2012, p. 290)

Atualmente, os descendentes de japoneses estão totalmente inseridos na sociedade e na cultura brasileira e, mesmo tendo nascido e criado raízes no Brasil, há certos aspectos de seu comportamento que ainda são considerados como sendo tipicamente japoneses e não brasileiros, como se pode perceber no relato de um dos participantes da pesquisa:

No Brasil somos japoneses, por mais que tenhamos Nacionalidade brasileira. Sofremos e hoje chegamos aonde chegamos, juntamente com a Família por sermos descendentes de japoneses. (Ana, 60 anos, desempregada)

É possível notar também que o que parece definir a identidade de brasileiro para os brasileiros são as características físicas e fenotípicas, já que, mesmo tendo nascido no Brasil, vivenciando e fazendo parte da cultura brasileira, os nipo-brasileiros são eventualmente vistos como japoneses. O que faz com que nipo-brasileiros também se identifiquem como japoneses, apesar de terem nascido no Brasil.

A forma fechada na qual as comunidades de nipo-brasileiros convivem, associada ao fato de que sempre foram considerados japoneses pelos próprios brasileiros, denota um momento em que a identidade do nipo-brasileiro no Brasil se remete à da nacionalidade japonesa por conta do fenótipo, pois, como salienta Nogueira (2006), no Brasil, as discriminações são por marca e não por origem. (SOARES; MOTTA, 2012, p. 290)

Dessa maneira, para ser considerado brasileiro é necessário “parecer brasileiro”, percebendo-se também a ideologia de formação nacional inspirada em Gilberto Freyre e sua obra “Casa Grande e Senzala”, em que se sedimenta o mito das três raças e a identidade nacional brasileira na formação de um país constituído pelo branco português, pelo índio nativo e o negro escravo. O que acaba por excluir da formação dessa identidade o asiático de pele amarela e os olhos puxados. (SOARES; MOTTA, 2012, p. 291). Dessa forma, para ser considerado brasileiro, dentro dessa ideologia, é necessário parecer brasileiro enquanto branco, negro ou índio, não bastando ter nascido no Brasil, conhecer e fazer parte da cultura, nem se comportar como brasileiro. Com isso, fica explícito que as características físicas da aparência japonesa desempenham um importante papel ao se construir a identidade do nipo-brasileiro.

Como já foi visto anteriormente, com a inversão da situação econômica dos dois países houve uma inversão na migração. Por volta de 1980 então ocorreu o chamado fenômeno decasségui. A principal motivação dos nikkeis que migraram para trabalhar

no Japão foi a questão financeira, mas conhecer a terra de seus ancestrais poderia ser também uma forma de conhecer a eles mesmos e sua identidade. Entretanto ao chegarem ao Japão, apesar de possuírem as características fenotípicas de um japonês eram considerados por estes como brasileiros.

O que pode ser confirmado com os dados fornecidos pelos informantes, já que todos partiram ao Japão, principalmente, por dificuldades financeiras, sendo que uma informante relatou ainda que sua motivação em ir ao Japão vinha também de seu desejo em conhecer a terra de seus pais.

Essa visão dos japoneses com relação aos nipo-brasileiros se deve ao fato que, mesmo possuindo características fenotípicas japonesas, os nipo-brasileiros se comportam como “típicos brasileiros”: falam alto, tem demonstrações de afeto em público, usam “roupas brasileiras”, entre outros.

O Japão como Estado é uma construção recente, com menos de 140 anos, e na distinção do que significa ser japonês “de fato” está implícito o compartilhamento de traços comuns (linhagem étnica, habilidade no uso do idioma, o lugar de nascimento, o lugar de residência e o nível cultural), aos quais está agregado um elemento fundamental: viver e ter sido criado no Japão. (MELLO, 2010, p. 9-10)

Segundo Oliveira (1998, p. 292), a percepção mais ampla da identidade brasileira por parte desses emigrantes decasséguis se revela, portanto, justamente como uma consequência desse quadro de migração.

Assim, o decasségui nipo-brasileiro que é visto no Brasil como japonês, ao chegar ao Japão, se depara com a visão dos japoneses de que ele é brasileiro, provocando em muitos a dificuldade no processo de definição de identidade como é o caso de um dos participantes quando relata que se sente um estrangeiro nos dois países.

Não me identifico nem como brasileira, nem como japonesa, pois no Brasil sou considerada japonesa talvez por minhas características físicas e no Japão sou considerada brasileira talvez por não me comportar como os japoneses. Sou uma estrangeira nos dois países, por isso não me considero nem brasileira e nem japonesa. (Maria, 30 anos, empregada pública)

Dessa maneira, muitos descendentes de japoneses acabam se sentindo sem uma identidade e uma cidadania definidos ou até mesmo excluídos nos dois países, já que no

Brasil são considerados japoneses devido às suas características fenotípicas, sendo por vezes denominados como “japas”, “japinhas” e quando chegam ao Japão, ao contrário do que poderiam esperar, são considerados como brasileiros e tem frustrada a ideia de que poderiam pertencer então à terra de seus ancestrais, já que, para serem considerados japoneses, precisariam mais do que “parecer japoneses”, ocorrendo o contrário do que acontece no Brasil.

Assim, os nipo-brasileiros sentem-se alijados de cidadania duas vezes: no Brasil desde sempre foram identificados como japoneses, com hábitos, cultura, língua e costumes que, no seu imaginário, poderiam encontrar voltando à terra dos antepassados. Porém, no Japão, são automaticamente identificados como brasileiros, no qual o fenótipo é preterido por uma série de comportamentos, símbolos, condutas e representações que o distanciam do japonês nativo, seja por desconhecer a língua natal, seja, em outros casos, por trazer um dialeto antigo, ou rural, o que os coloca no mesmo estigma de discriminação. (SOARES; MOTTA, 2012, p.293)

Enquanto no Brasil o que define a identidade dos descendentes são suas características físicas, no Japão o que os distingue é principalmente o seu comportamento tão diferente do japonês. Além disso, para ser considerado japonês no Japão, não basta apenas ser filho de japoneses, é necessário também ter nascido no Japão e viver de acordo com os costumes japoneses.

Em depoimentos feitos por ex-dekasseguis, a questão identitária destes descendentes que se tornaram emigrantes emerge com força: se, no Brasil, ainda eram considerados “japoneses”, sendo assim chamados de modo corrente pelos não-descendentes, imaginam que no Japão, onde o fenótipo os torna iguais aos demais, tal diferença intransponível, pois corpórea – e a discriminação que a acompanha – chegaria ao fim, permitindo-lhes, finalmente, fundir-se às massas urbanas. [...] Se o fenótipo os identifica aos japoneses, outros elementos, também presentes na aparência física, referem-se a esta outra pertença que reclamam, fazendo com que se percebam brasileiros. (SCHPUN *apud* SOARES; MOTTA, 2012, p. 290-291).

Assim, ao chegarem ao Japão e viverem esse “choque” de serem considerados brasileiros e em alguns casos até sofrerem discriminação por parte dos japoneses, muitos descendentes buscam a sua “brasilidade”, ou seja, acionam a identidade da

nacionalidade brasileira, comportando-se como tais, seja no modo de vestir-se e de falar; frequentando ambientes como restaurantes que servem comidas típicas brasileiras e lojas que vendem artigos do Brasil; ou até mesmo ouvindo músicas brasileiras como MPB, samba e pagode que, quando estavam no Brasil, não apreciavam, mas que, com a experiência proporcionada pela migração, passam a apreciar e a valorizar.

Ao perceberem que a sociedade japonesa apresenta peculiaridades alheias aos nipo-brasileiros, muitas delas materializadas em casos de discriminação, ocorre um processo de “mobilidade identitária” em que esses brasileiros no Japão vivenciam a brasilidade fora da terra natal, fortemente marcada pela presença de espaços destinados a esse público brasileiro. (SOARES; MOTTA, 2012, p.293)

De acordo com Sasaki (1998), sentir-se um estrangeiro no Japão deve-se ao fato de como a sociedade japonesa enxerga o migrante, tendo para este um papel dentro da estrutura social: o imigrante “está” na sociedade, mas não “é” da sociedade, ou seja, o imigrante tem uma característica de transitoriedade dentro da sociedade. Assim, mesmo que o imigrante seja descendente de japoneses, ele será sempre um estrangeiro, tendo desfeitas suas expectativas de pertencimento à pátria de seus ancestrais.

De modo digressivo, toda essa problemática enfrentada pelos dekasseguis e seus familiares levou-me a indagar a respeito da contraditória especificidade de identificação contida na expressão nipo-brasileiro, aplicada aos brasileiros de descendência japonesa, e do desenraizamento cultural sofrido por eles. Se, por um lado, no Brasil, eles são convencionalmente chamados de nipo-brasileiros e informalmente de “japoneses” (“japa”, “japinha”), por outro, no Japão, são tratados como “brasileiros” – mesmo que ostentem feições e costumes japoneses. E, embora existam aqueles que foram criados afastados dos valores culturais específicos da colônia japonesa, desde crianças eles percebem que fazem parte de um grupo que é culturalmente diferenciado, pois comumente no Brasil traços físicos distintos (sob o viés étnico-racial) têm uma conotação sócio-cultural – apesar de ser um país multirracial e miscigenado. (MELLO, 2010, p. 10)

Segundo Hall (2006) a identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. Desse modo, a identidade se molda

de acordo com a cultura e o ambiente à que se é exposto, não é fixa, mas adaptável tanto ao meio quanto à forma que cada um lida com as situações e relações nas quais estão envolvidos. Ou seja, no caso desses decasséguis, existe a possibilidade de acionar tanto a identidade japonesa quanto a brasileira, dependendo do contexto no qual estão inseridos.

Assim sendo, adotando-se a ideia de que a identidade é uma “celebração móvel”, os descendentes podem adotar ou acionar a identidade que melhor lhe convier de acordo com o ambiente, a situação e até mesmo de acordo com suas experiências nos dois países.

De acordo com Hall:

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação de representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (2006, p.13)

Entre os cinco participantes desta pesquisa quatro disseram se identificar como japoneses, apesar de terem nascido e crescido no Brasil, sendo a experiência no Japão e a convivência com o povo japonês e sua cultura (seja no Brasil ou no Japão) um fator determinante para que chegassem a essa conclusão, como pode ser notado em seus depoimentos.

É importante ressaltar que o sentimento de “pertencimento” a uma cultura nacional é fator determinante para a construção da identidade, não só dos informantes da pesquisa, mas de qualquer indivíduo, já que a nação forma um conjunto de símbolos e de representações culturais que influenciam a forma como esses indivíduos agem e como eles se definem. Não sendo essa definição meramente de cidadãos/ãs japoneses ou brasileiros legalmente falando, mas que fazem parte daquilo que a cultura nacional representa.

No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. Ao nos definirmos, algumas vezes dizemos que somos ingleses ou galeses ou indianos ou jamaicanos. Obviamente, ao fazer isso estamos falando de forma metafórica. Essas identidades na estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial. (HALL, 2006, p. 47)

É possível perceber ainda que, dentre os participantes que se identificaram como japoneses e viveram a experiência de ir trabalhar no Japão e conviver com a cultura, além de se identificarem assim, também nutrem grande respeito e admiração por este povo e seus costumes, demonstrando o contrário do que tem sido afirmado em algumas pesquisas sobre descendentes que vão trabalhar no Japão. Assim, enquanto alguns se sentem estrangeiros nos dois países, outros buscam a sua “brasilidade” quando estão no Japão e renegam o que é japonês, ou a sua porção japonesa quando estão no Brasil por assim serem denotados devido às suas características fenotípicas.

Apenas uma participante não se definiu nem como brasileira, nem como japonesa, sentindo-se como estrangeira nos dois países, demonstrando o fato de que, com a experiência da migração e da discriminação, tanto por marca no caso do Brasil, como por origem no caso do Japão, não houve definição de sua identidade, para um lado ou outro, mas ela se sentiu alijada de ambas as nacionalidades.

Não me identifico nem como brasileira, nem como japonesa, pois no Brasil sou considerada japonesa talvez por minhas características físicas e no Japão sou considerada brasileira talvez por não me comportar como os japoneses. Sou uma estrangeira nos dois países, por isso não me considero nem brasileira e nem japonesa. (Maria, 30 anos, empregada pública)

Por sua vez, Ana, aposentada de 60 anos que foi ao Japão em 1992 e lá permaneceu até 2013, se identifica como japonesa devido à convivência maior com japoneses e a sua melhor adaptação aos costumes e à cultura japonesa, além da admiração pelo país e a qualidade de vida que lá existe.

Eu me identifico mais como japonesa, porque a minha educação no Brasil foi mais pra japonesa. Após ir ao Japão, convivi mais com japoneses. Nos 21 anos no Japão, queira ou não queira acabamos adaptando aos costumes,

cultura e pensamento dos japoneses. Aprendendo a entender e compreender melhor o País e o Povo japonês. (Ana, 60 anos)

É possível perceber assim que, no caso de Ana, o fato de perceber-se e identificar-se como japonesa tem sido construído pelo seu sentimento de pertencimento à cultura japonesa e ao próprio Japão, por acreditar que o seu modo de ser e aquilo que ela representa estar melhor associado aos costumes e à nação japonesa. A experiência da migração proporcionou não só o conhecimento do povo e do pensamento japonês, mas também o conhecer-se e identificar-se a si mesmo, pois, tendo vivido nos dois países, percebeu por meio das diferenças qual deles melhor representava aquilo que ela também acredita ser ou representar.

Os participantes José e Joana também se identificaram como japoneses devido a sua criação ter sido ao “modo japonês”, entretanto não descartam a sua porção brasileira e nem renegam aspectos da cultura brasileira, antes a cultivam e afirmam a sua influência em aspectos de suas vidas e em seu modo de se comportar. Assim, é possível perceber a ideia de Hall de que a identidade é uma celebração móvel e que pode se formar e se transformar de acordo com o ambiente e as situações.

Eu e minha esposa sentimos a mesma coisa em relação a isso. É difícil responder, mas em suma nós somos brasileiros por sermos nascidos e crescidos aqui, contudo nos identificamos mais com o comportamento japonês talvez nem tanto a cultura, pois nem somos ativos em cultivar a cultura japonesa. Essa maior identificação deve-se ao fato de termos sido criados por pais japoneses (Issei), ficando assim o modo japonês de ser mais acentuado. Notamos mesmo assim uma influência brasileira na comida, maior descontração (abraço, beijo no rosto, brincadeiras, etc). Notamos que ao passar das gerações a influência brasileira vai ficando maior e até mesmo predominante. (José e Joana)

Além disso, nota-se que os dois informantes apesar de se identificarem mais com o comportamento japonês, demonstram que não têm uma identidade unificada, mas que está “em processo” e se “adaptando” ao meio e ao costumes com os quais convivem, podendo eles acionar tanto a “identidade brasileira” quanto a “identidade japonesa”.

O participante João também se identificou como japonês devido às experiências que viveu no Japão. Além disso, admira o Japão e o povo japonês, apesar de ter relatado que em raríssimas situações enfrentou situações de preconceito, não renegando o que é japonês, mas sim respeitando e admirando seu povo e seu modo de comportar-se.

Quero dizer que me identifico, e muito como um japonês, por todas as experiências de vida que adquiri no Japão nesses anos. E, que agora no Brasil, felizmente, depois de três anos, na medida em que as condições oferecidas favorecem, estou conseguindo aplicar. Sou um brasileiro, com muita esperança, sim, de um dia poder ver os seus compatriotas terem, principalmente, a educação e o respeito, como o desse povo tão maravilhoso, que é o povo japonês. (João, 46 anos, servidor público)

CAPÍTULO 6

LAR DO MIGRANTE – *HOMELAND*

Outra especificidade do movimento decasségui pontuada por Sasaki (1998, p. 253) é a definição se esse movimento é de ida ou de retorno à terra de seus antepassados. Assim ela discorre:

Se é ida ou retorno, depende do ponto de vista de quem está escrevendo. Indagar se é uma migração de ida ou de retorno significa indagar sobre onde é o *homeland* dos *dekasseguis*: Brasil ou Japão? Se pensarmos no Japão como sendo o seu *homeland*, porque seus ancestrais são provenientes de lá, então consideraremos essa migração como sendo de retorno, pois, ligados pela raça e consanguinidade, filhos e netos desses migrantes estão retornando para o Japão – terra de onde seus ancestrais, na primeira metade deste século, emigraram para a América Latina, como considera Yamanaka (1996:66). Por outro lado, mesmo sendo descendentes, muitos deles nunca estiveram no Japão antes de partir como *dekasseguis*. Se considerarmos que, para se ter um retorno, deveria haver antes uma partida dos próprios migrantes, não poderíamos chamar tal fluxo de retorno, mas de ida. (SASAKI, 1998, p. 253-254)

Como se depreende da citação, o *homeland* é adotado aqui como o país ou sociedade de origem do migrante, a pátria ou “lar” do migrante. Nesse sentido, quatro do cinco participantes afirmaram ser o país onde nasceram, o Brasil, como seu *homeland*, sua pátria.

A minha pátria é o Brasil, mas respeito e tenho muita gratidão pelo Japão pela oportunidade e respeito que recebi. Gostaria e quero que o Brasil fique como lá em muitos aspectos (Segurança, economia, saúde, organização, respeito) (José, 44 anos, cabeleireiro)

O Brasil. Apesar de ter passado longos anos no Japão e ter aprendido muito por lá, foi no Brasil que nasci e fui criado pelos meus pais, foi aqui no Brasil que todos os valores intrínsecos a minha personalidade, em todos os aspectos, foram criados e desenvolvidos. Apesar de todas as dificuldades, de todos os dias, o Brasil é a minha pátria. Só almejo que o Brasil se torne um país que ofereça melhores condições para todos viverem melhor, com mais

tranquilidade. Para que isso aconteça, é necessário o esforço de todos nós.
(João, 46 anos, servidor público)

Brasil. Fui criada aqui e a minha família mora aqui. (Joana, 39 anos, dona de casa)

O Brasil é minha pátria, apesar de ser considerada pelos brasileiros como japonesa, não considero o Japão como minha pátria e sim o Brasil, pois foi aqui que nasci e construí tudo o que tenho. (Maria, 30 anos, empregada pública)

É interessante notar que, apesar de quatro participantes se identificarem como japoneses, apenas um considerou o Japão como o seu *homeland*. Outro aspecto importante é que apesar de terem escolhido o Brasil como sua pátria há também admiração pelo Japão, por aspectos como segurança, costumes, educação e melhores condições de vida características de um país de Primeiro Mundo. Isto demonstra que, ao contrário do que acontece com muitos decasséguis nipo-brasileiros que chegam a renegar o Japão, devido, principalmente, à discriminação sofrida ao chegarem à terra de seus ancestrais, estes participantes nutrem admiração e respeito não só pelo País do Sol Nascente, mas também pelo seu povo.

Além disso, o que parece definir a escolha desses participantes pelo Brasil como pátria são as relações familiares e o fato de terem nascido e crescido aqui. Isto pode ser notado até mesmo no relato da participante que escolheu o Japão como sua pátria, quando ela diz que ficar perto da família também é importante.

Seria como uma mãe e madrasta. Considero o Japão, pois a assistência, cuidados com a Saúde e amparo para com os idosos, respeito um para com o outro, são inigualáveis! Ensino básico obrigatório gratuito pelo país, pouquíssimo vandalismo, marginalismo e drogas, cúpulas... Porém ficar perto da sua família é importante também. (Ana, 60 anos)

CAPÍTULO 7

CONCLUSÃO

Em 2008 completaram-se cem anos da imigração japonesa no Brasil. Ao longo deste século, os japoneses e seus descendentes se integraram à sociedade e à cultura brasileira, contribuindo também para a construção da nação. Por volta de oito décadas depois, foi a vez dos filhos e netos desses japoneses migrarem para a terra de seus antepassados em busca de novas oportunidades.

A experiência desses migrantes que foram ao Japão trabalhar proporcionou não só oportunidades financeiras, mas oportunidades de conhecerem melhor a si mesmos e as suas raízes e admirá-las sem esquecer que a sua pátria continua sendo o Brasil.

Apesar de algumas pesquisas demonstrarem que descendentes de japoneses que vão ao Japão sentem-se estrangeiros e vivenciam a sua “brasilidade” fora do Brasil pelo fato de naquele país serem considerados brasileiros, os informantes deste trabalho demonstraram o contrário. Sendo que, quatro dos cinco informantes declararam se identificar mais com a cultura japonesa.

Quanto a esses informantes, sua maior afinidade e identificação com a cultura japonesa, possivelmente, deva-se ao fato de todos serem da segunda geração, mas principalmente, por terem sido criados dentro de “moldes e costumes japoneses”, proporcionando a eles maior familiaridade com o “modo japonês de ser”, diferentemente da informante que declarou não se identificar com nenhuma das duas culturas. Desta maneira, esses quatro informantes (João, José, Joana e Ana) não apresentavam apenas características fenotípicas, mas também certa semelhança com os japoneses no modo de comportar-se, não apresentando assim, o sentimento de exclusão no Japão.

Dois desses quatro (José e Joana) informantes demonstraram claramente, o que Hall (2006) afirma quanto à identidade ser uma celebração móvel, já que apesar de se identificarem mais com a cultural japonesa, não descartaram sua porção brasileira e que esta também é acionada em diversos momentos e comportamentos e que a convivência com brasileiros não descendentes, com os costumes e a cultura brasileira podem tornar a identificação com a mesma mais forte. Entretanto, “atualmente” afirmam-se como japoneses. O que demonstra a possibilidade de acionar tanto a identidade brasileira quanto a japonesa.

No caso da informante (Maria) que declarou não se identificar com nenhuma das duas culturas, percebe-se o que afirmam as pesquisas acerca de nipo-brasileiros que vão

ao Japão e esperam identificar-se com a cultura japonesa, já que no Brasil são denotados como japoneses por suas características físicas, mas que tem essa expectativa frustrada ao serem considerados brasileiros, devido a um conjunto de comportamentos, condutas, símbolos e representações que o distanciam do japonês nativo. E desse modo, sentem-se excluídos em ambos os países, demonstrando dificuldades em identificar-se com alguma delas.

Vale ressaltar também, que apesar de todos os informantes terem afirmado que mantinham ou cultivavam de alguma maneira, a cultura brasileira no Japão, não o faziam como forma de afirmar e vivenciar a sua “brasilidade” fora do Brasil ou de negação à sua “porção japonesa”, mas apenas como forma de manter contato com algo de sua terra natal.

É interessante notar que apesar de nenhum informante ter declarado que se identificava mais com a cultura brasileira, quatro afirmaram ser o Brasil a sua terra natal, o seu lar (*homeland*). Apenas uma informante (Ana) que além de identificar-se mais com a cultura japonesa afirmou que o Japão também seria a sua pátria, pelo fato de melhor ter se adaptado e convivido com os japoneses e com o Japão, apesar de ter nascido no Brasil. Demonstrando que, não necessariamente, é preciso considerar como sua pátria o país em que você nasceu ou com o qual se identifica culturalmente.

A pesquisa proporcionou conhecer um pouco mais sobre a história da imigração e do fenômeno decasségui, mas principalmente proporcionou uma percepção quanto como as experiências de migração e o contato com o “diferente” e os vários ambientes e situações podem influenciar no processo de definição de identidade, seja ela qual for.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELTRÃO, Kaizô Iwakami; SUGAHARA, Sonoe. **Permanentemente temporário: dekassegus brasileiros no Japão**. São Paulo: IBGE, 2006.
- CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.
- COSTA, João Pedro Corrêa. **De decasségui a emigrante**. 1ª ed. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão/Ministério das Relações Exteriores, 2007.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**, 11ª edição. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- HARADA, Kiyoshi *et alii*. **O Nikkey no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Editora Atlas, 2009.
- HAYASHI, Shigeru; *et alii*. **Centenário da Imigração Japonesa no Brasil e Cinquentenário da presença Nipo-brasileira em Brasília**. 1ª ed. Brasília: FEANBRA, 2008.
- KAWAMURA, Lili. **Para onde vão os brasileiros? Imigrantes brasileiros no Japão**. 1ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999.
- KODAMA; Kaori; SAKURAI, Célia. IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações. **Resistência & integração: 100 anos de imigração japonesa no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.
- OLIVEIRA, Adriana Capuano. Repensando a identidade dentro da emigração dekassegui. *In*: REIS, Rossana Rocha; SALES, Teresa (Orgs.). **Cenas do Brasil migrante**. 1ª ed. São Paulo: Bontempo, 1999.
- REIS, Rossana Rocha; SALES, Teresa (orgs.). **Cenas do Brasil migrante**. 1ª ed. São Paulo: Bontempo, 1999.
- SASAKI, Elisa Massae. **O jogo da diferença: a experiência identitária no movimento dekassegui**. Campinas, SP: [s.n.], 1998.
- _____. **Dekasseguis: trabalhadores migrantes Nipo-Brasileiros no Japão**. Campinas: UNICAMP, Núcleo de Estudos de População, 2000.
- VANDERLEI, Kalina; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Ed. Contexto, 2006.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

- ABD. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DEKASSEGUIS. **Histórico do fenômeno de kassegui**. Disponível em: < <http://www.abdnet.org.br/conteudo.php?id=68>>. Acesso em: 31 mar. 2014.
- BIANCONI, Nara. **Nipo-brasileiros estão mais presentes no Norte e no Centro-Oeste do Brasil**. 27/06/2008. Disponível em: <<http://www.japao100.com.br/arquivo/nipo-brasileiros-estao-mais-presentes/>>. Acesso em: 03 abr. 2014.
- CENB. CENTRO DE ESTUDOS NIPO-BRASILEIROS. **Pesquisa da população de descendentes de japoneses no Brasil**. Disponível em: <<http://www.cenb.org.br>>. Acesso em: 10 abr. 2014.
- DIALOGO - REVISTA MILITAR DIGITAL. **Brasileiros deixam Japão para recomeçar vida na terra natal**. 24-5-2012. Disponível em: <<http://dialogo-americas.com/pt/articles/saii/features/main/2012/05/24/feature-01>>. Acesso em: 07 abr. 2014.
- DICIONÁRIO DE SOCIOLOGIA. **Identidade**. Disponível em: <<http://www.filoczar.com.br/Dicionarios/DICIONARIO-DE-SOCIOLOGIA.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2014.
- FERREIRA, Érica. A imigração japonesa, a identidade nipo-brasileira e o movimento de kassegui: o exemplo de Paraguaçu Paulista, São Paulo. *In: Anais do I Simpósio sobre Pequenas Cidades e Desenvolvimento Local e XVII Semana de Geografia*. Maringá, Universidade Estadual de Maringá, 25-27 de agosto de 2008. Disponível em: <http://www.dge.uem.br/semana/eixo8/trabalho_84.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2014.
- IMIGRAÇÃO JAPONESA. **História da imigração – parte 1**. Disponível em: <<http://www.imigracaojaponesa.com.br/>> Acesso em: 31 mar 2013.
- MELLO, Clélia. Tozai, tozai: os de kasseguis nos movimentos diaspóricos japonês e brasileiro. *In: Anais do Seminário Internacional “Fazendo Gênero 9”*, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 23-26 de agosto de 2010. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278298611_ARQUIVO_cleliamello_fazendogenero1.pdf>. Acesso em: 20 de nov 2014.

OLIVEIRA, Lúcia Maciel Barbosa. Identidade cultural In. **Dicionário de Direitos Humanos**. Disponível em <<http://escola.mpu.mp.br/dicionario/tiki-index.php?page=Identidade+cultural>>. Acesso em: 20 out. 2014

SOARES, André Luis Ramos; MOTTA, Graziela Silva. Identidades de kassegui/decasségui: um olhar antropológico. In **Métis: História e Cultura**, vol. 11, n. 22, 2012, p. 281-299. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/1545/1255>>. Acesso em: 03 abr. 2014.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Letras – IL

Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução – LET

Curso de Letras-Japonês

Pesquisador: Débora Natsue Azevedo Wanzeller

Orientador: Prof. Ronan Alves Pereira

TERMO DE CONSENTIMENTO

Concordo em participar voluntariamente da pesquisa, assegurando que as informações por mim divulgadas serão verídicas. Estou ciente de que:

- A minha participação é de natureza voluntária e que, em nenhum momento, me senti coagido(a) a participar.
- Todas as minhas respostas orais ou escritas permanecerão anônimas e a minha identidade será totalmente resguardada.
- Minhas respostas poderão ser utilizadas no trabalho de conclusão de curso e em eventuais artigos ou apresentações orais sobre o estudo.
- A minha participação nesta pesquisa incluirá preencher um questionário.

Declaro que fui informado(a) dos procedimentos que serão utilizados e que entendo qual será minha contribuição como participante, comprometendo-me em participar de todas as etapas que constituem a pesquisa. Afirmando ainda que recebi uma cópia desse termo de consentimento.

Brasília, de junho de 2014.

(nome e assinatura do participante)

Contatos: _____

Pesquisador: Débora Natsue Azevedo Wanzeller

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO

QUESTIONÁRIO

Caro(a) Colaborador(a),

Este questionário destina-se a uma pesquisa de cunho acadêmico, cujo tema é o estudo das dificuldades no processo de adaptação e de definição de identidade de descendentes de japoneses que foram ao Japão trabalhar e voltaram ao Brasil. Desde já, agradeço-lhe por sua colaboração.

Instruções:

- a. O questionário possui 21 questões subjetivas.
- b. Por favor, não deixe questões em branco. Suas respostas ajudarão no alcance dos objetivos.
- c. Não é necessário nenhum tipo de identificação sua, se você assim o desejar.

Se você preencher este questionário em arquivo, por favor, envie-o para o seguinte e-mail: deboranatsue@gmail.com. Este e-mail também pode ser utilizado para esclarecer possíveis dúvidas.

1. Caso queira se identificar, qual o seu nome?
2. Qual sua idade?
3. Você é de qual geração de descendentes de japoneses?
4. Você possui contato/convive com a cultura japonesa no Brasil? Em caso afirmativo, como é esse contato?
5. Qual o conhecimento e domínio você tem do idioma japonês?
6. Como o conhecimento ou não do idioma influenciou no seu processo de adaptação ao Japão?
7. Em que ano você foi ao Japão e em que ano retornou ao Brasil?
8. Como foi o processo de ida ao Japão: através de empreiteiras, amigos, familiares?
9. Você foi ao Japão sozinho ou com familiares/amigos (irmãos, cônjuge, pais, etc.)?
10. O que te motivou a ir trabalhar no Japão?
11. Por que retornou ao Brasil?
12. Que tipo(s) de atividade/trabalho você desempenhou no Japão?
13. Que tipo de atividade/trabalho você desempenha no Brasil?

14. Quais as dificuldades de adaptação (social, profissional, pessoal, etc) você enfrentou ao chegar ao Japão?
15. No Japão, quais atividades ou hábitos você mantinha da cultura brasileira?
16. Quais as dificuldades de adaptação (social, profissional, pessoal, etc) você enfrentou ao retornar ao Brasil?
17. Como você acha que a sua ascendência japonesa influenciou na forma como as pessoas te tratavam no Japão? E no Brasil?
18. Qual dos dois países (Brasil, Japão) você considera como sua terra natal, pátria? Por quê?
19. Você voltaria ao Japão para trabalhar? O que você faria de diferente?
20. Relate algo mais que você considera que foi importante/relevante nessa experiência.
21. Você se considera/identifica como brasileiro ou como japonês? Por quê?